

Nosso labirinto

**Doreen Purcell, Isolina Lyra, Julia França de Lima,
Marja Parno, Solange Fish da Costa Braga, Walewska Gomes Braga**
Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro

Resumo: Nesse texto, professores descrevem uma instalação preparada para dar aos visitantes a sensação pela qual vivenciaram o processo de reflexão, chamado Prática Exploratória. Oito anos após terem erguido um labirinto estilizado nos Pilotis da PUC, o grupo convida para um passeio pelos inúmeros ‘corredores’ relatando como a Prática Exploratória as uniu e as mantém unidas desde então.

Palavras-chaves: Prática Exploratória, reflexão, entendimento, qualidade de vida.

PASSEANDO PELO LABIRINTO

Nessa narrativa coletiva, nós, um grupo de professoras de inglês de escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro, relatamos nosso envolvimento com a Prática Exploratória. Em 1999, durante a Semana de Letras organizada pelo Departamento de Letras na PUC-Rio, tivemos a oportunidade de construir uma instalação no formato de um labirinto. Nosso objetivo era representar concretamente o entusiasmo que sentíamos ao poder partilhar nossa vivência com a Prática Exploratória. Escolhemos a metáfora de um labirinto para representar o que nos uniu – a busca de soluções para a triste realidade da sala de aula - e o que nos mantém unidas desde então – o nosso envolvimento com a Prática Exploratória (daqui por diante denominada PE).

POR QUE UM LABIRINTO?

A metáfora de um labirinto nos ocorreu quando, em uma das últimas reuniões de 1998 planejávamos o que faríamos no ano seguinte. A instalação de um labirinto nos pareceu adequada para mostrar o que vivemos e partilhamos desde os nossos primeiros encontros de PE. A sensação de estarmos quase imersas em papel (cadernos, livros didáticos impostos, planejamentos, provas), aliada à exaustão proveniente das cobranças

de pais e coordenadores e à pressão de direções e secretarias por resultados nos levou aos primeiros encontros. A angústia de não sabermos que caminho seguir, de nos sentirmos presas, de termos de buscar uma saída nos acompanhava. Com indesejável frequência nos víamos forçadas a seguir por caminhos que nos pareciam sem fim, que nos levavam a lugar nenhum. Estávamos sozinhas e perdidas. E nossa busca nos levou aos encontros de Prática Exploratória. A princípio, mais um caminho na nossa jornada pedagógica. Lenta e prazerosamente fomos caminhando e construindo nossos entendimentos sobre a nossa prática pedagógica, sobre os nossos alunos, sobre nós mesmas. Refletimos sobre cada passo escolhido no nosso caminhar. Deixamos de lado o ideal de soluções mágicas. Não priorizamos apenas eficiência e sucesso: trabalhávamos para entender a vida na sala de aula, dinâmica e cheia de questões. Quase poderíamos dizer que tínhamos achado a saída de um labirinto quando, nos deparamos com mais questões: Por que continuamos vindo aos encontros de PE? Por que escolhemos continuar no labirinto se já não nos sentíamos mais perdidas?

Não foi fácil concretizar nosso labirinto mas, uma vez tendo aceito o desafio, unimos nossas idéias e não medimos esforços na sua construção. Muitas dúvidas surgiam a partir dos porquês iniciais: Como fazer? Onde? Que material usaríamos? E o custo? Teríamos público? E se chovesse? Muitas reuniões e discussões depois, fomos às compras: rolos de arame, metros de morim, grampos, cola, tinta, muitos papéis. No sábado anterior ao evento nos reunimos nos Pilotis da PUC. Familiares e auxiliares foram mobilizados. Erguemos nosso labirinto artesanal com trabalho compartilhado, um mutirão familiar/pedagógico onde um ajudava o outro e todos aprendiam, vivenciando os princípios da PE, que priorizam o crescimento mútuo e o envolvimento de todos os participantes. Cheias de expectativas nos preparamos para a semana.

Na segunda-feira vestimos nossas camisetas, especialmente preparadas para o evento, com um sugestivo labirinto estampado e com uma palavra centralizada: Por quê? Nosso público compartilhou nosso entusiasmo. Alunos, professores e funcionários da PUC, nossos alunos, alguns ex-alunos e familiares passearam pelo nosso labirinto.

A decisão de contar o que vivenciamos nos fez consultar anotações, fotos, comentários, muita coisa guardada com carinho, muita coisa presente em nossas

memórias. O labirinto que emerge nessa narrativa nos convida a um novo passeio. E é o passeio por esse labirinto que convidamos você, leitor, a fazer.

REFAZENDO O PASSEIO

Na entrada do nosso labirinto uma porta de plástico transparente (em que se encontra escrito o questionamento: O que nos leva à PE?) conduz o visitante ao encontro de palavras que expressam as emoções e sentimentos que nos levaram às primeiras reflexões. É provável que o leitor compartilhe os mesmos sentimentos: **dúvidas** (causadas pela incerteza de estarmos no caminho certo), **angústia** (resultante da falta das respostas esperadas dos nossos alunos), **ansiedade** (gerada principalmente pela frustração de não conseguir o que queremos), **dificuldades** (falta de tempo, falta de material e falta de interesse dos alunos), **experiências mal sucedidas** (inúmeras aulas preparadas com cuidado, entusiasmo e esperança resultam em desastres, não correspondendo às nossas expectativas), **classes superlotadas** (mais de 45 alunos em sala!), **medos** (de não conseguir chegar ao resultado esperado, de não conseguir ir adiante), **pressão** (muito conteúdo, pouco tempo, atividades extraclasse), **falta de apoio** (material não disponível e falta de estrutura para tornar as aulas mais interessantes), **solidão** (falta de tempo para conversar com os colegas sobre os alunos, sobre o currículo, sobre a interdisciplinaridade), **perfil do nosso aluno** (desmotivado, agressivo, sem hábitos de estudo), **necessidade de trocar experiências** (falta de tempo, novamente), **falta de estrutura educacional** (salas lotadas, ausência de apoio pedagógico e psicológico), **necessidade de desenvolvimento profissional** (atualização tecnológica), **desvalorização do papel do professor** (até pouco tempo atrás os professores eram vistos como fundamentais, agora...), **medo de mudanças** (geralmente evitamos o “desconhecido” ou os “novos caminhos”).

As idéias acima, escritas em folhas de papel colorido, foram espalhadas com muito cuidado pelos ‘corredores’ de morim mostrando ao visitante, assim como agora mostram a você, leitor, o perfil de um professor estressado e infeliz, como fomos um dia. Em um ambiente propício a reflexões, chegamos ao próximo ambiente, o cantinho da PE.

MAS O QUE É PRÁTICA EXPLORATÓRIA?

Sentimos a necessidade de expor o que então sabíamos de PE e, com a intenção de partilhar, com todos que visitassem o labirinto, esse ponto importantíssimo para nós, fizemos um pôster onde se lia em destaque “O que é Prática Exploratória?” e, mais abaixo, em letras menores: “Novo conceito de pesquisa desenvolvida em sala de aula”. Selecionamos em Allwright & Lenzuen (1997:74) a seguinte definição de PE:

Prática Exploratória é uma maneira indefinidamente sustentável em que professores e alunos, dentro de suas salas de aula e enquanto trabalham no processo de aprender e ensinar, se engajam para desenvolver o seu entendimento da vida na sala de aula.

Olhando nosso material de trabalho daquele tempo, vimos que, junto ao logotipo do labirinto em destaque, usamos três fotos, uma em que se podia ver Dick Allwright, Inés Miller e Maria Isabel Cunha, outra de Rosa Lenzuén e ainda outra nossa, entusiasmadas e ousadas professoras que construíram o Labirinto...

E, como toda história tem um começo, preparamos um breve relato da história da PE até então, que colocamos ao redor do logotipo e das fotos e que reproduzimos aqui.

O conceito de Prática Exploratória foi desenvolvido através de um trabalho de colaboração entre a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa do Rio de Janeiro e Dick Allwright, então Professor do Departamento de Lingüística da Universidade de Lancaster, Inglaterra, juntamente com membros da equipe de professores da Cultura Inglesa (principalmente Rosa Lenzuén, gerente do Setor de Teacher Development and Research).

Os exemplares da publicação produzida pela Sociedade Brasileira de Cultura de Cultura Inglesa, desde 1989, trazem inúmeros relatórios de pesquisa conduzidas por professores e de relatos sobre a implementação da Pesquisa Exploratória na Cultura Inglesa do Rio de Janeiro. Em 1995, Morag Samson analisou o conteúdo destes números em sua dissertação de mestrado em Lingüística, no Departamento de Ensino de Língua Inglesa, na Universidade de Lancaster.

Estas idéias e pesquisas foram e ainda vem sendo apresentadas em painéis, trabalhos, oficinas no âmbito nacional (BRAZTESOL e ENPULI) e internacional (TESOL e IATEFL) em vários países: Austrália, Brasil, Chipre, Eslováquia, Espanha, Estados

Unidos, Finlândia, França, Itália, Portugal, Singapura e Turquia, mais recentemente na China, no Japão e na Argentina.

A Prática Exploratória chegou às universidades brasileiras através da Prof. Dra. Inés Kayon de Miller, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e do Prof. Dr. Ralph Bannel, então na Universidade Federal Fluminense. Desde 1997, grupos de professores sob a coordenação de Maria Isabel Azevedo Cunha e Inés Kayon de Miller se reúnem quinzenalmente.

Uma lista com o nome de todos os professores que haviam participado dos encontros quinzenais da PE nos anos de 1997, 1998 e 1999 vinha a seguir.

Havia também um pôster que contava o que acontecia em nossos encontros. Nós, então construtoras / apresentadoras do Labirinto, estávamos por perto do pôster o tempo todo para complementá-lo, sempre dispostas a partilhar o nosso trabalho e a todos envolver. Como acontece agora, quando, como narradoras, contamos um pouco sobre as nossas reuniões de PE. Inicialmente, os participantes eram estimulados a refletir sobre as suas salas de aula, sobre os fatos, atitudes, situações que os surpreendiam e intrigavam, positiva ou negativamente. Estas reflexões eram traduzidas em questões (ou *puzzles*), geralmente precedidas de um POR QUÊ? Muito embora a reação inicial dos participantes fosse tentar dar uma ou várias respostas ao(s) porquê (s), mais reflexões sobre a(s) questão(ões) a(s) refinavam e apontavam o tema a ser investigado. Comentava-se então sobre os procedimentos pedagógicos favoritos usados por professores e alunos em sala de aula. Leitura, músicas, jogos, diários, questionários, entrevistas, ditados, qualquer atividade conhecida poderia ser usada para a busca de entendimentos a ser alcançada (damos o nome de APPE a qualquer atividade pedagógica com potencial exploratório, atividade que leve à construção de entendimentos). Os dados obtidos em sala de aula eram interpretados em mais um trabalho de reflexão e se chegava aos entendimentos de professores e alunos. Soluções não eram priorizadas, podiam ocorrer ou não, uma vez que todo o trabalho leva a entendimentos. Os professores estavam então com um ótimo material para partilhar com alunos, colegas e, em forma de pôsteres os apresentavam, inicialmente, em Sessões Finais e logo, em eventos, encontros, congressos em diversas partes do Brasil e do mundo.

Um parêntese se faz necessário aqui: a Prática Exploratória não é simplesmente um método com regras a serem seguidas. Todos os participantes, professores e alunos de diversos segmentos, do ensino fundamental ao doutorado, vêm, esses anos todos, construindo a filosofia da PE. O processo de reflexão contínuo, que é da natureza da PE, faz com que constantemente sua definição esteja sendo reescrita. Mais recentemente, definimos PE como “uma maneira indefinidamente sustentável em que professores e alunos, dentro de suas salas de aula e enquanto trabalham no processo de aprender e ensinar, se engajam para desenvolver o seu entendimento da vida na sala de aula”. Em 2003, Allwright apresenta PE como um sequência de 7 princípios, a saber:

- Colocar a qualidade de vida em primeiro lugar.
- Trabalhar para entender a vida na sala de aula.
- Envolver todos neste trabalho.
- Trabalhar para o desenvolvimento mútuo.
- A fim de evitar que o trabalho esgote seus participantes, integrar este trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula
- Fazer com que o trabalho seja contínuo e não mais uma atividade dentro de um projeto.

É interessante notar agora que, ao mesmo tempo em que fazíamos e vivíamos o Labirinto, já vivenciávamos os princípios da PE. A busca dos entendimentos das nossas questões de sala de aula estava presente nos pôsteres. Procurávamos envolver todos na construção e na apresentação do Labirinto – professores, alunos, profissionais de outras áreas, toda a comunidade acadêmica da PUC, nossos familiares e o público presente. Aprendemos muito todo o tempo, da construção à apresentação, sobre nós mesmas, umas com as outras, com as pessoas que nos visitavam. O Labirinto foi uma grande APPE a nos levar a múltiplos entendimentos. O princípio de tornar a PE um empreendimento contínuo, sem delimitar princípio e fim, evidenciou-se no Labirinto, que serviu ao propósito de divulgar a PE, arrolando mais professores praticantes e futuros multiplicadores. Durante todo o tempo da construção do Labirinto, o princípio fundamental da PE, ou seja, a busca por uma melhor qualidade de vida esteve presente na integração de todo o grupo, na procura constante de entendimento e na sustentação dessa contínua reflexão.

A SALA DOS ESPELHOS

É hora de voltarmos ao labirinto. Depois da parte teórica, chegamos à Sala dos Espelhos, que reproduz um momento importante nos encontros de PE: a sessão de pôsteres, um momento democrático onde participantes relatam o processo de reflexão em que estiveram envolvidos e partilham seus entendimentos sobre a vida na sala de aula. Revestimos os corredores de morim com papel laminado para que os pôsteres fossem ‘refletidos’, como acontece nos espelhos. O visitante tem a sensação de ver as questões refletidas nos pôsteres pode refletir sobre elas e sobre as suas próprias questões. A Sala dos Espelhos é o local destinado à exposição de alguns dos muitos pôsteres dos professores que participaram dos encontros de PE em 1997, 1998 e 1999. Algumas questões mostradas nos pôsteres são: “Por que é tão difícil para o/a professor/a motivar seus alunos?”, “Por que é tão difícil motivar os alunos na Escola Municipal?”, “Não entendo nada desta matéria.”, “Qual é o poder da professora?”, “Alunos ‘dedurando’ alunos – Por que isso me surpreende?”, “Por que alguns alunos não gostam de ler o enunciado das questões quando a leitura não faz parte da nota?”, “Por que os alunos não pensam sobre seu comportamento, deveres e direitos?”, “A PE refletindo a angústia da Recuperação.”, “Quem é o meu aluno?”, “Quem é o professor que motiva?” E os pôsteres têm, como apresentadores, os autores/ professores.

Com a narrativa de duas professoras, convidamos você, leitor, a experimentar o exercício de reflexão que a sessão de pôsteres proporciona.

UM PASSEIO PELO INTERIOR DE UM PÔSTER

O pôster foi desenvolvido e feito com e por meus alunos de 8ª série do ensino fundamental de uma escola municipal – um grupo de adolescentes desinteressados, bem fora da faixa etária. Comecei com uma questão, mas aos poucos minhas observações e reflexões me levaram a outras.

Meu questionamento inicial foi: “Por que meus alunos só se interessam por notas?” Eu queria entender por que meus alunos separavam as atividades de aula das de

avaliação; por que se comportavam de modo tão diverso nos dois momentos e se eles estariam aprendendo alguma coisa nesses dois momentos.

Para observá-los preparei duas atividades pedagógicas comuns à nossa prática de sala de aula; um exercício (sem nota) para aula, e um teste surpresa. Ambos continham *YES/NO questions* preparadas de acordo com o que eu observava quanto à atitude deles em sala de aula.

E os dados que colhi foram: durante o exercício os alunos conversavam, jogavam, comiam, ouviam ‘walkman’, durante o teste eles pareciam concentrados, calmos e atentos. No entanto, as notas do teste foram boas e eu não podia dizer que os alunos, apesar do jeito informal e relaxado de assistir às aulas, não tinham aprendido nada. Comecei a perceber que os alunos podiam comer um biscoito enquanto aprendiam e que eu só ficaria mais e mais estressada se tentasse impor atitudes totalmente sem significado para eles.

Eu refletia e as coisas aconteciam. Levei meus alunos ao cinema para assistir o filme “Policarpo Quaresma”, parte de um projeto do Município sobre cinema. Pude então observar que no escurinho do cinema eles falavam alto, ficavam em pé, iam ao banheiro, comiam... se comportavam como nas minhas aulas. Eu saí com a certeza de que eles não tinham prestado atenção e não saberiam contar a estória mais tarde. Qual não foi a minha surpresa, quando o grupo do projeto encarregado da discussão veio à minha sala: eles não apenas sabiam a estória como fizeram comentários pertinentes e críticos, comparando os políticos da época aos políticos de hoje. Como negar que eles aprenderam - e muito bem - a lição ensinada? Alguma coisa começava a me aborrecer: “Por que eu não conseguia entender a nova maneira de meus alunos participarem nas minhas aulas”? E, assim, certa de que meus alunos tinham muito a me dizer, decidi investigar uma nova questão: ‘Quem é o meu aluno?’

Passei uma nova tarefa: um trabalho de grupo. Pedi que assinalassem as afirmações com que concordassem. Eles também poderiam resumir suas idéias através de um desenho. Analisando as respostas pude ver que meus alunos já tinham percebido que eu gostaria que eles se comportassem ‘bem’: Eu esperava que eles copiassem, fizessem os exercícios, perguntassem, tirassem dúvidas. Eles não deveriam comer, dormir ou falar! Um dos grupos tornou as coisas mais claras ainda ao desenhar a diferença entre nossos pontos de vistas. Segundo os desenhos, eu queria anjos. E eles eram demônios que não

queriam fazer nada além de conversar, comer, brincar, se divertir, conforme os autores fizeram questão de me explicar...

Nessa época meus alunos já sabiam que eu falava deles e dos nossos entendimentos nas reuniões quinzenais de PE e é claro que eles se sentiam muito importantes. Com o aumento da auto-estima cresceu o interesse deles na aula de inglês. Pedi que eles desenvolvessem a idéia de anjos x demônios em pôsteres para que fossem apresentados a outros professores. Como estávamos em outubro, o mês do Halloween, os demônios foram representados por uma abóbora e contrastava com um anjo. Eles iam aprendendo vocabulário de um modo interessante e cheio de significado: eles aprendiam o que eles queriam dizer. Eles não paravam quietos, faziam muito barulho, mas como trabalhavam!

E me pareceu que a conclusão do nosso pôster estava aí: meus alunos não eram anjos. Mas também não eram demônios. Eles eram como o Gasparzinho, o fantasma camarada. Meus gasparzinhos me ensinaram muito. Parei de me preocupar com a disciplina e outras idéias que só faziam sentido na minha época escolar, quando reflexão, pensamento crítico, autonomia, não eram estimulados. Afinal, o que há de errado em se comer um biscoito, enquanto se copia o exercício do quadro?

Fui um pouco adiante: decidi pedir aos meus gasparzinhos que observassem e pesquisassem sua escola. Com uma máquina fotográfica pedi-lhes que procurassem anjos, demônios e gasparzinhos na escola. E eles me trouxeram uma turma de anjos; alunos de 5 anos e uma professora muito severa. A turma ao lado da sala deles representava os demônios: desassossegados e barulhentos. E os gasparzinhos? Não me surpreendi quando eles me mostraram a foto da turma deles.

OUTRO PÔSTER, OUTRO PASSEIO

Numa turma de alunas, entre 14 e 15 anos, do curso de formação de professores do 1º segmento do Ensino Fundamental, encontrei uma grande resistência às aulas de inglês. Algumas alunas diziam que tinham muitas dificuldades de compreensão da língua falada e, até mesmo, da escrita, outras, levadas pelo desinteresse, falavam que nunca conseguiriam aprender inglês, enquanto uma outra parte, que estudava em cursos de

inglês, mostrava muita facilidade, mas pouco interesse. Evidentemente, um grupo, que, apesar de bastante heterogêneo e de difícil motivação e sem possibilidades de ser estruturado em estágios lingüísticos, necessitava de um trabalho de integração, tornando-se um grande desafio, com muitas angústias e muitos *puzzles*. Entre eles: “Por que algumas alunas têm tantas dificuldades? Por que o desinteresse de outras? Por que não tinham autoconfiança?”

Todas essas questões precisavam ser entendidas e após terem sido discutidas com o grupo de professores nas reuniões de PE, o caminho parecia ser uma atividade pedagógica que englobasse música, pois muitas alunas pediam sempre que ela fosse trazida para as nossas aulas. A música *Another brick in the wall*, da banda *Pink Floyd*, foi escolhida para ser usada como auxiliar, para entendermos melhor o que estava acontecendo em nossas aulas. A música critica o tipo de escola organizada com base no modelo industrial, militar, onde o professor diz o que o aluno deve fazer e onde ele deve ir. Realmente, a letra convida a um trabalho de reflexão sobre o papel do professor e o papel da escola na aprendizagem dos alunos e precisávamos buscar entendimentos, não só sobre quem eram as alunas e quais eram seus compromissos, como, também, sobre o meu papel, e o da escola, na formação das alunas, que seriam professoras num breve tempo.

Após uma atividade de preenchimento de lacunas na letra da música (*listening*), as alunas expressaram suas idéias em português e inglês sobre quem é o bom professor e sobre como é a escola ideal, partindo das palavras-chave da música: (*We don't need no education; no thought control; leave the kids alone, just another brick in the wall...*). As alunas pesquisaram em dicionários, trabalharam em duplas e escreveram as suas opiniões em retângulos de cartolina, formando um grande ‘muro de tijolos’ na parede da sala. Na base do ‘muro’ colocamos a pergunta ‘Quem é o professor que motiva?’ e entre os ‘tijolos’ de cartolina foram escritas algumas palavras que surgiram nas nossas discussões e que funcionavam como uma ‘argamassa’ unindo e equilibrando os ‘tijolos’: autonomia, reflexão, união, trabalho coletivo etc.

As idéias e opiniões eram os tijolos e as relações entre professor e alunos, entre os próprios alunos e entre a família e a escola, eram o cimento que mantinha os tijolos juntos. Faziam parte da argamassa que ligava todas as idéias, ainda, os cursos de idiomas, os diferentes níveis de alunos e até os trabalhos de casa.

A co-construção de entendimentos permitiu que percebêssemos melhor os nossos papéis, os nossos compromissos e as nossas necessidades, e que criássemos o pôster, apresentado no Labirinto, que contava a nossa estória.

O pôster também convidava os visitantes que estavam passeando pela Sala dos Espelhos a interagirem com a pergunta na sua base. Uma das respostas coloca, que o professor que motiva é aquele que é motivado, enfatizando a questão da motivação, que deve ser mútua, assim como, os entendimentos. Mais do que motivar e ser motivado, cabe ao bom professor e aos bons alunos buscarem entendimentos às suas questões na vida em comum na sala de aula.

E O QUE ACONTECE DEPOIS?

Ao sair da Sala dos Espelhos você encontra palavras expressando os novos sentimentos daqueles que, como nós, começaram a trabalhar com PE. O professor, como nós todas, agora tem outro perfil: ousa, reflete, segue novos caminhos, acredita em negociar, valoriza a criatividade, encoraja a compreensão, estimula a autonomia, investe na interação, trabalha para uma escola melhor.

Isto não significa que o que sentíamos anteriormente desapareceu como que por mágica, que todos os problemas foram resolvidos! Não! O que aconteceu é que durante o processo de entendimento desenvolvido durante nossos encontros, nós é que mudamos de postura, nós crescemos. Aprendemos a importância de compreender e não necessariamente de mudar... Nós comparamos este estágio ao processo de terapia, quando a pessoa consegue ultrapassar seu estágio inicial e aprende a lidar com as situações; lidar com as situações não significa mudá-las ou acabar com os problemas. Na verdade a pessoa encara o que aparece de modo diferente, tentando a cada momento compreender o que se passa. Esta é, para nós, a essência da PE.

A SALA DOS ENCONTROS

Finalmente chegamos à Sala dos Encontros, com mesinhas convidando para um descanso, um café, um lanche, sempre presente nos nossos encontros de PE.: um convite à

conversa, um momento para relaxar, trocar idéias... Um convite para mais reflexão: O que fazer agora?

Ao vermos o “sonho” do Labirinto concretizado, descobrimos que, juntas, poderíamos alcançar muito mais do que trabalhando sozinhas e isto se aplicava, também, ao trabalho de sala de aula. Procurávamos soluções para os muitos problemas da sala de aula e surpreendentemente fomos incentivadas a buscar mais perguntas e não somente as respostas. Iniciamos um trabalho de entendimento focado no processo e não no produto. Aprendemos a ouvir nossos alunos e percebemos a importância do trabalho em parceria. Em nossas reuniões quinzenais trocamos idéias e compartilhamos experiências. Participar de um grupo sem competição e sem hierarquia, onde todos ouvem e são ouvidos trouxe como consequência uma grande cumplicidade. Entrar em contato com a PE deu um novo rumo às nossas vidas pessoais e profissionais.

Neste ponto podíamos ter escolhido parar com os nossos encontros e seguir nossos caminhos; como acontece quando a saída do labirinto é encontrada. Mas nós escolhemos continuar juntas, nos fortalecendo com a união do grupo, nos aprofundando no processo de reflexão. Sentimos que podíamos nos fortalecer mais com essa união. Podemos trocar idéias e experiências que nos são extremamente valiosas e nos ajudar a ver nossos questionamentos de diferentes ângulos. Trabalhamos para conseguir maiores entendimentos da vida nas nossas salas de aula. Esses encontros, acima de tudo, nos permitem manter nosso entusiasmo, não nos deixando abater por qualquer sentimento de impotência que às vezes aparece. Como professoras em processo de desenvolvimento profissional não podemos deixar de concordar com Allwright (1997:54) quando ele diz que:

Desenvolvimento profissional de professor não significa capacitar professores fracos e torná-los bons professores, mas sim, fazer com que todos os professores entendam o que significa ser um professor de verdade.

OS COMENTÁRIOS DO LIVRO

Antes da porta que levava à saída do labirinto, havia um livro de presença, estrategicamente colocado na mesa do café, para que os visitantes pudessem registrar suas opiniões ou simplesmente assiná-lo. A visita ao nosso labirinto estilizado pretendeu

mostrar o entusiasmo com que o grupo trabalhou com os princípios da PE, como desenvolveu atividades pedagógicas para investigar suas práticas e os entendimentos decorrentes. O entusiasmo do grupo foi percebido pelos visitantes, os quais deixaram registrados seus comentários, suas reflexões, idéias e sugestões. A maioria dos visitantes realçou a importância do relacionamento entre professores e alunos e como este relacionamento afeta o processo de ensino aprendizagem. Algumas pessoas enfatizaram a importância da desconstrução e da construção coletiva no processo de ensino-aprendizagem. Outros ainda apontaram a necessidade de valorização do papel do professor.

Selecionamos aqui alguns dos comentários feitos pelos nossos visitantes.

“Que bom que existem professores interessados em entender os alunos, discutir os seus problemas de aprendizagem e trabalhar cada vez mais por um ensino melhor”
(professora)

“A Educação, o ensinar e o aprender é infinito... Este labirinto nos leva à verdadeira reflexão sobre tudo o que aprendemos e nos ensina a tomar novos caminhos para encontrarmos solução de problemas que pareciam sem fim...” (professora)

“Gostei muito do labirinto, onde professores e alunos se igualam na busca de maneiras e idéias para motivação e real aprendizagem.” (professora)

“Eu achei o labirinto muito importante por influir no consentimento de todos”
(aluno de escola municipal)

“O trabalho é D+ . Labirinticamente interessante! Eu acho que este trabalho está aproximando mais as opiniões dos alunos e professores.” (aluno)

“Quando entrei no labirinto não imaginava que ao invés de me perder encontraria algo que parecia impossível de se ver em minha vida.” (bacharel em direito)

Os comentários feitos nos estimulam a mais reflexões: Quem ensina? Quem aprende? Quando todos querem entender o que está acontecendo nesse processo, todos ensinam e todos aprendem.

FINALIZANDO, UM CONVITE

Quase oito anos se passaram desde a construção do Labirinto. A lista de professores que desde então participa de novos encontros da PE aumentou muitíssimo, o que nos causa imensa satisfação. Nossos alunos apresentam seus pôsteres, com suas questões e seus entendimentos, ao nosso lado. Nós ainda seguimos juntas. Mudanças ocorreram, como era de se esperar. Algumas de nós já se encontram aposentadas, mas continuamos ainda ligadas pelo mesmo entusiasmo, e com a certeza de que juntas, com a PE, podemos continuar crescendo, como aprendizes, professoras, como seres humanos, desfrutando de uma melhor qualidade de vida. Convidamos você, nosso leitor-visitante, a se juntar ao nosso grupo, a se perder e a se achar pelos caminhos do processo de ensino-aprendizagem, a acreditar que a sala de aula tem vida, a permanecer no labirinto trabalhando para entender a vida da sala de aula.

Referências bibliográficas

- Allwright, D. (1997). Exploratory Practice (A response to David Nunan). *ELT News and Views*, Year 4, September, 3:53-54.
- Allwright, D. & Lenzen, R. (1997). *Exploratory Practice: Work at the Cultura Inglesa, Rio de Janeiro, Brazil*. Language Teaching Research, 1 (1), 73-79

AS AUTORAS

Doreen Veiga Purcell trabalhou como professora de inglês do Ensino Fundamental e Ensino Médio, na rede pública municipal e estadual do Rio de Janeiro e faz parte do grupo de Prática Exploratória desde 1996. Atualmente, engajada no trabalho da ONG São Martinho.
E-mail: epcentrerio@hotmail.com

Isolina Lyra é professora de inglês aposentada do município do Rio de Janeiro e faz parte do Grupo de Prática Exploratória RJ.
E-mail: isolyra@terra.com.br

Júlia França de Lima é professora de inglês da rede privada, Colégio Santa Teresa de Jesus e C.P.E.A.S. Stella Maris, e da rede municipal, Escola Municipal Narcisa Amália, do Rio de Janeiro. Faz parte do grupo de Prática Exploratória desde 1999.
E-mail: jufliiep@yahoo.com.br

Marja Kerttu Villikko Parno é professora de inglês aposentada, da rede municipal do Rio de Janeiro, faz parte do grupo de Prática Exploratória desde 1996, e é membro do Comitê Cultural da APLIERJ. Atua como professora de inglês voluntária junto à Educari e, também, dá aulas particulares de finlandês.
E-mail: marja_parno@yahoo.com.br

Solange Fish da Costa Braga é professora da rede particular , Colégio Santa Teresa, e da rede municipal, Escola Municipal Albert Einstein, Rio de Janeiro. Participa do grupo de Prática Exploratória desde 1998.
E-mail: solangefish@gmail.com

Walewska Gomes Braga faz parte do grupo de Prática Exploratória desde 1998 e é professora de inglês da rede municipal do Rio de Janeiro.
E-mail: walewskabraga@globo.com